

Silêncio, a melodia da consciência

Antes, o *silêncio*, agora, a música, a melodia da consciência. Os animais estão mergulhados em um silêncio majestoso, o silêncio da não existência do simbólico, da ausência da palavra, o silêncio do não pensar.¹ Vivem sem saber que vivem e sem saber que morrerão. Não sabem da morte, mas também não sabem da vida. Têm o benefício de não saber que morrerão – vivem como se não fossem morrer –, mas ao preço de morrerem sem saber que viveram.

O homem, a partir da conquista da consciência, torna-se um ser separado, à parte da natureza e dos demais animais (*inferiores*); ele, um animal *superior* (a consciência mora no seu crânio, no “andar superior”), torna-se criador e guardião da *palavra*. Ele não mais poderá deixar de ouvir o ruído da sua consciência, o bulício das suas palavras, o barulho do seu pensar... O simbólico não mais o deixará. Ele está, agora, condenado à liberdade da consciência, ao milagre e à liberdade de ser um ser consciente.

¹ Ernest Becker, em “*A negação da morte*”, descreve isso magistralmente: “Os animais inferiores (...) simplesmente agem e se movem reflexamente, levados pelos instintos. Se fazem alguma pausa, é apenas uma pausa física; no íntimo, eles são anônimos, e mesmo seus rostos não têm nomes. Vivem num mundo sem tempo, pulsando, por assim dizer, num estado de existência muda. Foi isso que tornou tão simples abater a tiros rebanhos inteiros de búfalos ou de elefantes. Os animais não sabem que a morte está acontecendo e continuam a pastar placidamente enquanto outros caem ao seu lado. O conhecimento da morte é reflexivo e conceitual e disto os animais são poupados. Eles vivem e desaparecem com a mesma ausência de reflexão (...)

Extraído do livro:

“*A Presença de Deus, a Unidade com o Pai – da árvore do conhecimento à árvore da Vida*”
(cap. 5 – ‘Dualidade, a expulsão do paraíso’ – pág. 68/69)